

JORNAL DE BRASÍLIA \* 4 JUL 2005

# Sem rumo e sem recursos

DF. Educação

ARLETE SAMPAIO

Brasília é sempre lembrada como símbolo da inovação arquitetônica e urbanística. Mas nossa cidade também nasceu sob o signo da inovação educacional. Foi aqui que Anísio Teixeira, o renomado educador brasileiro, colocou em prática o ideário escolanovista cujo objetivo era criar uma escola pública, gratuita e universal. Atualmente, a desorganização administrativa, as evidências de corrupção apontadas pela CPI da Educação e a falta de prioridade colocam em risco a história da construção do sistema educacional no Distrito Federal.

Da carência de materiais básicos para a atividade de ensino até a falta de professores, nossas escolas públicas têm passado por todo tipo de problemas. No início do ano letivo de 2005, milhares de crianças matriculadas não sabiam ainda onde estudariam em razão da falta de salas de aula, o que demonstrava o completo descontrole do governo sobre a gestão do sistema. Com professores concursados aguardando serem chamados, a Secretaria de Educação insistia na ampliação dos chamados contratos temporários. Em muitos casos, crianças permaneceram sem professores por vários meses.

As soluções encontradas para resolver esses problemas levantam suspeitas. Por não ter construído novas escolas e não ter recuperado a rede física, a Secretaria de Educação alugou salas particulares ou contratou serviços educacionais. Só o aluguel de espaço na Faculdade da Terra de Brasília custa aos cofres públicos R\$ 600 mil, e o contrato com o Colégio EMA, do Recanto das Emas, para atender crianças da Educação Infantil, tem o custo de R\$ 727.977,60. Realizados sem licitação, esses contratos acrescentam mais suspeitas sobre a gestão da Educação, que está sendo investigada pela CPI na Câmara Legislativa.

Não bastassem todos esses absurdos, o GDF ainda retira recursos orçamentários do ensino público para destinar a outras áreas do governo. No dia 7 de junho, a bancada governista aprovou projeto de lei encaminhado pelo governador que transfere mais de R\$ 100 milhões do Orçamento da educação para outras atividades como publicidade e propaganda, modernização do Parque de Exposições Agropecuárias e até reforma do Palácio do Buriti.

Os recursos destinados inicialmente à educação sairão de programas como o Aceleração de Aprendizagem, que se destina a atender crianças com dificuldades de aprendizagem. Também foram retiradas verbas do Programa Integrado de Saúde do Escolar, que dá atendimento odontológico e oftalmológico às crianças e inclui compra de óculos para alunos da rede pública. O que é mais grave é que, de todos esses recursos, mais de R\$ 50 milhões seriam para conceder benefícios para professores e cerca de R\$ 23 milhões seriam para reformar escolas.

Enquanto os recursos do ensino público são repassados para outras atividades, nossas escolas continuam com falta de professores e de materiais didáticos. Muitos prédios escolares estão caindo aos pedaços. Em Ceilândia, a Escola Classe 53 foi demolida há quase três anos e até agora não foi construído novo prédio para receber os estudantes, que tiveram de ser remanejados para outras unidades, longe de suas residências. No Recanto das Emas, o Centro de Ensino Fundamental 115 veio a baixo e nada foi construído no lugar.

Votei contra a retirada de recursos da educação, juntamente com a bancada do PT, por considerar que um dos principais problemas hoje é justamente o financiamento da educação. No Distrito Federal, além da absoluta prioridade na melhoria da qualidade do ensino, o problema do acesso à escola precisa ser equacionado. Afinal, à medida que cada vez mais crianças terminam o Ensino Fundamental é necessário criar vagas no Ensino Médio.

Outra área que também tem cobertura irrisória por parte do GDF é a Educação Infantil. É preciso garantir pré-escola para as crianças entre 4 e 5 anos e construir creches para as crianças até 3 anos, principalmente nas cidades mais carentes. Para fazer isso, é necessário ampliar as verbas da educação, nunca reduzir. Enfim, urge retomar o legado de Anísio Teixeira, para quem somente a escola pública de qualidade poderia fazer do Brasil uma verdadeira democracia.